

Terra sob o período mais quente da história

Relatório da ONU indica que há 98% de chance de os anos entre 2023 e 2027 terem os maiores registros de temperatura. Também é forte a possibilidade de, neste quinquênio, o limite de aquecimento definido no Acordo de Paris ser ultrapassado

» PALOMA OLIVETO

Nos próximos cinco anos, a Terra vai ferver, levando o planeta para um "território desconhecido". O alerta é da Organização Meteorológica Mundial (OMM), das Nações Unidas, que divulgou, ontem, um relatório indicando que o período de 2023 a 2027 deverá ser o mais quente na história. Aliadas ao fenômeno El Niño, captado recentemente por satélites do programa europeu Copernicus, estão as emissões de gases de efeito estufa, que não dão sinal de baixar.

No documento, a OMM afirma que há 98% de chance de o quinquênio ser o mais quente já registrado. Além disso, a probabilidade de, em ao menos um dos próximos cinco anos, a temperatura exceder 1,5°C em relação aos níveis pré-industriais é de 66%. O Acordo de Paris, aprovado em 2015, foi pensado justamente para evitar que isso aconteça. Na época, líderes mundiais se comprometeram a adotar medidas que impedissem uma elevação tão alta nos termômetros, com base nas evidências científicas de que o calor excessivo provoca de epidemias a prejuízos econômicos. Porém, o progresso feito até hoje é considerado insuficiente.

"As projeções para o ano mais quente já registrado nos próximos cinco anos significam mais problemas para a saúde em todo o mundo. Sabemos que a mudança climática afeta negativamente a saúde de várias maneiras, inclusive por meio dos efeitos físicos diretos das ondas de calor, como insolação, e dos indiretos, como contribuir para a insegurança alimentar e hídrica", lembra Belle Workman, pesquisadora do Melbourne Climate Futures da Universidade de Melbourne, na Austrália. "A exposição ao calor também afeta a produtividade do trabalho, principalmente para as pessoas que trabalham na agricultura e na construção", destaca Workman, que não participou do relatório da OMM.

Em nota, o secretário-geral da OMM, Petteri Taalas, esclareceu que o aumento na temperatura pode ser transitório. "Esse relatório não significa que excederemos permanentemente o nível de 1,5°C

MARTIN BUREAU



Especialistas alertam para os impactos na população devido ao calor extremo: crianças e idosos estão entre os mais vulneráveis



Prevê-se que as temperaturas médias globais continuem aumentando, afastando-nos cada vez mais do clima a que estamos acostumados"

Leon Hermanson, cientista que liderou o relatório

desproporcionalmente pelo aumento das temperaturas", alerta a pesquisadora australiana Belle Workman. "A 1,5°C, as pessoas que vivem em áreas urbanas têm maior probabilidade de serem expostas a ondas de calor mortais devido aos efeitos das ilhas de calor urbanas. Devemos continuar buscando a adaptação e medidas como sistemas de alerta precoce de calor, que podem ajudar a proteger as pessoas."

O relatório da OMM lembra que, além de aumentar as temperaturas globais, os gases de efeito estufa induzidos pelo homem estão levando a mais aquecimento e acidificação dos oceanos, derretimento do gelo marinho e das geleiras, elevação do nível do mar e condições climáticas mais extremas. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, organismo da ONU composto por cientistas independentes do mundo todo, inclusive o Brasil, diz que os riscos para os sistemas naturais e humanos são maiores para o aquecimento global de 1,5 °C.

O novo documento foi divulgado antes do Congresso Meteorológico Mundial, marcado para 22 de maio a 2 de junho, no qual se discutirá como fortalecer os serviços meteorológicos e climáticos para apoiar a adaptação às mudanças. As prioridades para discussão incluem a iniciativa Early Warnings for All, de alerta precoce de catástrofes, para proteger as pessoas de climas cada vez mais extremos. Também está previsto o debate sobre uma nova infraestrutura de monitoramento de gases de efeito estufa para ajudar nas políticas de mitigação.

Palavra de especialista

Um globo sem gelo

"O aquecimento mais rápido nos polos é precisamente o que vemos nas rochas e nos registros fósseis do passado profundo da Terra. Quando o mundo esquenta, o calor extra se espalha pelo globo, com as partes mais

frias se aquecendo mais rapidamente. Estamos caminhando para um globo sem gelo, e a velocidade com que as coisas estão mudando lembra os eventos de aquecimento mais extremos e devastadores do passado da Terra. Um pequeno vislumbre de esperança é que a Antártida não está aquecendo tão rápido quanto o Ártico. Se fosse esse o caso, veríamos um aumento dramático e rápido no nível do mar à medida que as camadas de

gelo da Antártica, cercadas por terra, derretessem. Em vez disso, ainda temos tempo (limitado) para evitar os piores resultados da mudança climática. Nossa meta global do Acordo de Paris de 1,5°C era reconhecida como ambiciosa, mas muito poucos dos cientistas relevantes acham que isso ainda é realista. Uma aposta mais segura seria nos prepararmos para um mundo pelo menos 2°C mais quente."



Chris Mays, professor de paleontologia na University College Cork, na Irlanda

especificado no Acordo de Paris, que se refere ao aquecimento de longo prazo por muitos anos. No entanto, a OMM está soando o alarme de que iremos ultrapassar temporariamente o nível de 1,5°C com frequência cada vez maior."

Na média dos cinco anos, o risco de ultrapassar temporariamente o 1,5°C é de 32%, diz a Atualização Global Anual a Decadal do Clima, da OMM. Em 2015, essa probabilidade estava próxima a zero. Entre 2017 a 2021, passou para 10%. O cálculo é feito considerando as

emissões de gases de efeito estufa e os fenômenos climáticos previstos. "Prevê-se que as temperaturas médias globais continuem aumentando, afastando-nos cada vez mais do clima a que estamos acostumados", afirmou Leon Hermanson, cientista que liderou o relatório.

O documento da ONU esclarece que a temperatura média global em 2022 foi cerca de 1,15°C acima da média de 1850-1900. Mas a influência de resfriamento do fenômeno La Niña durante grande parte dos últimos

três anos refreou temporariamente a tendência de aquecimento de longo prazo. Em março de 2023, porém, o evento climático acabou, e os satélites indicam a chegada próxima do El Niño, com aumento do calor previsto para 2024.

Anomalia no Ártico

O documento também mostra que o aquecimento do Ártico é desproporcionalmente alto. Em comparação com a média de 1991-2020, prevê-se que a anomalia de

temperatura seja mais de três vezes maior que a da média global para os próximos cinco invernos prolongados do Hemisfério Norte. Já os padrões de precipitação de maio a setembro de 2023-2027, comparado ao período de 1991-2020, sugerem chuvas reduzidas na Amazônia e na Austrália e aumento no norte da Europa, no Alasca e no norte da Sibéria.

"Populações de alto risco, como crianças, mulheres e idosos, e pessoas com problemas de saúde preexistentes podem ser afetados

SEMAGLUTIDA

Remédio faz 45% de adolescentes saírem do IMC obeso

A semaglutida, substância de medicamentos como Ozempic e Wegovy, promoveu perda de peso suficiente para que jovens de 12 a 18 anos caíssem abaixo do limite clínico da obesidade. Ontem, no congresso europeu sobre o tema, em Dublin, na Irlanda, pesquisadores apresentaram os resultados de uma nova análise do estudo *Step Teens*, publicado na revista *Obesity*, mostrando que quase metade dos participantes (45%) teve sucesso no tratamento. No mundo, 340 milhões de adolescentes são obesos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, 1,4 milhão sofrem dessa condição, de acordo com o Ministério da Saúde.

O estudo, liderado por Aaron S. Kelly, codiretor do Centro de Medicina Pediátrica da Obesidade da Universidade de Minnesota, nos Estados Unidos, também mostrou que quase três quartos dos adolescentes (74%)

diminuíram em, pelo menos, uma categoria de peso. A pesquisa completa, publicada, no ano passado, no *New England Journal of Medicine* (NEJM), já havia indicado a eficácia do medicamento. Agora, os especialistas avaliaram a melhora das categorias do índice de massa corporal (IMC).

A análise incluiu 201 menores de 18 anos, os 5% com maior IMC do estudo *Step Teens*. Eles foram divididos para receber a dose semanal de 2,4mg da substância (134) e placebo (64), com acompanhamento de 68 semanas. Ambos os grupos receberam aconselhamento sobre estilo de vida. A proporção de participantes que alcançaram uma melhora na categoria de IMC desde o início foi avaliada usando dados obtidos durante o tratamento.

No começo, todos os adolescentes da análise atual tinham IMC correspondente à obesidade

Gaullstin/Divulgação



Há 340 milhões de adolescentes com obesidade no mundo, estima a OMS. No Brasil, são cerca de 1,4 milhão

classe I, II ou III. Apenas um deles estava com sobrepeso, e foi excluído da análise. Em média, o índice de massa corporal dos participantes foi 37kg/m², e o

peso era de 107,5kg. Na semana 68, 74% dos participantes com semaglutida tiveram uma melhora de uma ou mais categorias de IMC versus 19% com placebo.

Uma redução de duas ou mais categorias de IMC ocorreu em 45% dos participantes tratados com semaglutida, versus 3% com placebo. No geral, o tratamento reduziu a proporção de jovens com o grau mais grave de obesidade de 37% para 14%. Além disso, na semana 68, 45% dos adolescentes que usaram o medicamento ficaram com IMC abaixo do considerado sobrepeso ou peso normal. No outro grupo, o percentual foi de 12%.

"Sem precedentes"

"A semaglutida uma vez por semana foi associada a melhorias clinicamente significativas nas categorias de IMC versus placebo em todas as classes do índice em adolescentes com obesidade", escreveram os autores. "Esses resultados ressaltam o alto grau de eficácia clínica da semaglutida em adolescentes com

obesidade", disse Kelly, em nota. "Em um sentido prático, vemos que o medicamento reduziu o peso a um nível abaixo do que é definido como obesidade clínica em quase 50% dos adolescentes em nosso estudo, o que é historicamente sem precedentes com outros tratamentos além da cirurgia bariátrica."

"A prescrição desse medicamento para pessoas obesas pode permitir que os efeitos metabólicos prejudiciais da obesidade sejam melhorados, ao mesmo tempo em que lhes dá um espaço para respirar para fazer mudanças no estilo de vida", destaca Tim Barrett, professor de pediatria da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, que não participou do estudo. "É importante continuar a investigar a semaglutida para a população jovem", diz o médico, que é pesquisador de diabetes e obesidade infantil. (Paloma Oliveto)